

NARRATIVAS ESCRITAS ALEMÃO-PORTUGUÊS DE CRIANÇAS EM CONTEXTO DE LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO

Emilia Rosenbrock
emiliarosenbrock@hotmail.com
FURB

Eixo temático: Educação e Linguagem

Resumo: Em comunidades descendentes de antigas zonas de imigração europeia, muitas crianças ingressam na escola tendo o alemão como primeira língua, onde são, entretanto, alfabetizadas somente em português. Este artigo discute dados parciais de uma pesquisa em nível de mestrado, de cunho qualitativo, cujo objetivo é analisar narrativas escritas em alemão de dois estudantes da educação básica de uma escola municipal multisseriada do campo, localizada no município de Blumenau, na região do Vale do Itajaí, SC. O apoio teórico na pesquisa aqui relatada vem prioritariamente do campo de estudos do bilinguismo como fenômeno social, especialmente no tocante à escolarização em contextos multilíngues e interculturais. A análise preliminar das narrativas sugere conhecimento ainda não consolidado das convenções ortográficas, transferências orais e fonológicas para a escrita, contudo, indica também tentativas de acerto. Este artigo nos permite refletir sobre a importância, da garantia na educação formal, do aprendizado da língua de herança junto ao português em contextos interculturais.

Palavras-chave: Narrativa escrita. Bilinguismo social. Língua alemã. Letramento.

1. Introdução

O Vale do Itajaí, região localizada no Estado de Santa Catarina, é uma antiga zona de imigração que, baseada na colonização alemã, italiana e polonesa¹, constitui-se num rico cenário multicultural e plurilinguístico. Nesse contexto sociolinguístico e culturalmente complexo (CAVALCANTI, 1999, 2011) está situada a cidade de Blumenau, fundada em 1850, pelo farmacêutico alemão Dr Herrmann Bruno Otto Blumenau. Até os dias de hoje, observa-se a forte influência da origem dos colonizadores sobre a rotina dos moradores, sobre o exercício das atividades humanas locais, nas edificações prediais e sobre o uso das línguas (FRITZEN, 2005).

No período de 1938 a 1945, as línguas foram elemento de arbítrio do Estado Brasileiro contra as populações de imigrantes e refletem a política linguística do governo não só quanto às línguas alóctones (de imigração), mas

¹ Reconhecemos a presença de outros grupos étnicos, como italianos, poloneses e grupos indígenas no Vale do Itajaí, mas, neste artigo, nos referimos, em especial, ao grupo teuto-brasileiro, por ser ele foco da nossa pesquisa.

também quanto às línguas indígenas (autóctones). Ao desconsiderar as várias etnias, ou seja, as culturas e línguas já existentes em território nacional e outras que vieram se unir a esse contingente, como os escravos trazidos da África e os imigrantes através das políticas imigratórias, o Estado brasileiro acabou usurpando desses cidadãos um direito legítimo e intangível, isto é, o direito de utilização e expressão em sua língua materna (MAILER, 2007). Contudo, vemos que, apesar das campanhas de nacionalização do ensino, hoje ainda em muitas regiões do país, amalgamam-se, ao lado do português, línguas autóctones e de imigração como o alemão.

No presente artigo, pretendemos socializar e discutir resultados parciais de uma pesquisa de mestrado em educação caracterizada como um processo de investigação de abordagem predominantemente qualitativa-interpretativista (DENZIN; LINCOLN 2006; MASON, 1997; MOITA LOPES, 1994; BOGDAN; BIKLEN 1994) e com um olhar de interesse sócio-histórico relacionado aos Estudos do Letramento (STREET, 1984; KLEIMAN, 1995). Temos como objetivo principal de pesquisa investigar as (inter)relações entre letramento e políticas de educação linguística em contexto intercultural.

O artigo está organizado em três seções. Após esta parte introdutória, apresentamos uma breve descrição do cenário sociolinguístico local da pesquisa, o qual pode ser caracterizado como complexo, pela coexistência de línguas hegemônicas e variedades locais, em geral estigmatizadas. Na segunda seção descrevemos o contexto escolar, os sujeitos e os instrumentos de geração de dados utilizados na pesquisa. Os resultados parciais da pesquisa são apresentados na terceira seção. Por fim, discutimos as implicações da educação monolíngue para crianças falantes de uma língua de herança de grupos minoritários.

2. Contexto da pesquisa

Em geral, em muitas regiões de imigração o que circula é um discurso hegemônico de estigmatização das línguas de herança e de seus falantes. Em especial para a cidade de Blumenau podemos observar como um desdobramento das campanhas de nacionalização do ensino (1938-1945) o fato de a língua alemã ter se deslocado do contexto urbano público concentrando-se

mais nas áreas rurais e ter perdido significativamente o contato com a modalidade escrita (FRITZEN, 2008). Não raramente, o bilinguismo das crianças é tratado como empecilho para a boa aprendizagem da língua portuguesa. Ainda a esse respeito afirma Spinassé (2008, p. 4) que

tanto na aula de língua portuguesa como na aula de alemão-padrão, esses alunos são vistos, devido ao seu bilingüismo, como problemáticos, representando, para alguns professores, uma ameaça para o aprendizado bem sucedido.

Na presente pesquisa direcionamos nosso olhar investigativo sobre uma língua de imigração, neste caso, o alemão, que pode ser vista, como aludido anteriormente, como uma língua minoritária no atual contexto brasileiro. O conceito de língua minoritária, de acordo com Maher (2007), é entendido a partir de uma perspectiva mais política e ideológica do que propriamente linguístico. Assim como Altenhofen (2013, p. 94) entende por língua minoritária “a modalidade de línguas ou variedades usadas à margem ou ao lado de uma língua (majoritária) dominante”. Sendo assim o conceito de língua minoritária não está relacionado ao número de falantes que dela fazem uso, mas sim ao prestígio que a língua usufrui no meio social em que está inserida.

No Vale do Itajaí, o alemão era até 1940, conforme dados do censo do IBGE, a língua mais falada na região. Segundo este levantamento, 97% da população de Blumenau utilizava, o alemão na vida cotidiana. A língua estava presente no contexto familiar, nas escolas e na imprensa (MAILER, 2003; FRITZEN, 2008). Vale ressaltar ainda, com relação ao censo do IBGE, que desde 1950, o quesito língua não faz mais parte dos dados desse levantamento estatístico nacional. No censo realizado em 2010, perguntou-se somente às populações indígenas sobre o uso de línguas faladas no lar. Dessa forma, não há um levantamento oficial recente que nos aponte com mais precisão as línguas faladas nos domicílios brasileiros e as práticas linguísticas de cada região do Brasil (ALTENHOFEN, 2013).

Com o intuito de legitimar o português como língua nacional e hegemônica, as campanhas de nacionalização aboliram o ensino e o uso da língua alemã das escolas, levando os descendentes de imigrantes a utilizarem o alemão restritamente no âmbito familiar. Como as línguas foram proibidas de maneira geral, as pessoas que continuaram a usar a língua sofriam severas

penas por parte do governo local quando denunciados pelo seu uso. Constituiu-se, assim, uma relação linguística e sócio-histórica tensa e complexa entre a língua minoritária falada e mantida na família e o lugar e o valor dela na vida dos seus falantes inseridos em uma sociedade majoritária. Concentrada nas áreas mais rurais e sendo seus falantes, na maioria, imigrantes que trabalhavam na lavoura, a língua alemã passou ao longo do tempo a carregar uma conotação pejorativa por estar relacionada à “língua de colono”, ser apenas “um dialeto”, ser uma “língua errada”. É neste contexto, no município de Blumenau, que desenvolvemos nossa pesquisa. A língua alemã está ainda fortemente presente em localidades rurais do município, especialmente na oralidade e na esfera familiar como têm mostrado pesquisas desenvolvidas nessas comunidades (MAAS; FRITZEN; AVELINO NETO, 2014).

A escola foco da pesquisa está localizada em área rural do distrito da Vila Itoupava, ao norte do município de Blumenau, em Santa Catarina. O distrito da Vila Itoupava foi criado em 1943 pela Lei Estadual nº 941, de 31/12/1943 e localiza-se cerca de 30 km do centro da cidade de Blumenau. A unidade escolar pesquisada é uma escola municipal do campo organizada em regime de multisseriação. O estabelecimento oferece ensino da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental I, atendendo crianças dos quatro aos 10 anos de idade, num total de 82 alunos no ano de 2015.

Atualmente a língua alemã faz parte do currículo escolar como língua estrangeira moderna sendo lecionada no E.F.I duas vezes por semana, totalizando 90 min de aula semanais. As demais disciplinas são ofertadas em língua portuguesa, ou seja, o português é a língua da instrução formal. Os sujeitos da pesquisa, 09 estudantes do Ensino Fundamental sendo quatro alunos do 5º ano e cinco alunos do 4º ano, foram convidados no ano de 2012, a participar de um projeto-piloto² por meio da escrita de duas narrativas, uma em português e outra em alemão, a partir do apoio visual de duas sequências distintas de imagens com seis gravuras de autoria do alemão e.o.plauen. Os

² Bilinguismo teuto-brasileiro: um estudo comparativo entre Alemanha e Brasil coordenado no Brasil pela Profa Dra Maristela P. Fritzen (FURB) e na Alemanha pela Profa Dra Claudia M. Riehl (LMU München) é um projeto desenvolvido inicialmente no âmbito de um intercâmbio científico de curta duração (Capes/DAAD) que buscou realizar um estudo que tem como meta promover o bilinguismo teuto-brasileiro na Alemanha e no Brasil, especialmente no âmbito da escrita.

dados gerados (MASON, 2001) na pesquisa formaram um banco de dados para a linha de pesquisa Linguagem e Educação do Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Educação da FURB.

3. Discussão e análise dos dados

Como vimos anteriormente, falantes de uma língua minoritária crescem com duas línguas, mas são alfabetizados somente em uma, a língua majoritária. Considerando este fato, muitos indivíduos que na modalidade oral da língua são falantes bilíngues tendem, por conseguinte, a serem monolíngues a nível de comunicação escrita. A situação descrita aponta uma perda de importantes recursos, tanto para a sociedade como também para o próprio indivíduo, uma vez que, o mesmo não pode empregar efetivamente as possibilidades a ele dadas por seu bilinguismo.

A sociedade se mostra cada vez mais grafocêntrica e de fato a escrita “integra cada momento de nosso cotidiano, constituindo-se numa forma tão familiar de fazer sentido de nossa realidade que seu uso passa despercebido para os grupos letrados” KLEIMAN (1995, p. 7). Visto que a escrita ambiental e rotineira é apenas a função mais básica da escrita, pois “o domínio de outros usos e funções da escrita significa, efetivamente, o acesso a outros mundos, públicos e institucionais, como o da mídia, da burocracia, da tecnologia, e através deles, a possibilidade de acesso ao poder” (KLEIMAN, 1995, p.7-8). Podemos inferir do exposto acima que a aquisição de uma língua como linguagem escrita refere-se não só ao aprendizado do alfabeto ou da ortografia. Para aquisição da linguagem escrita é necessário aprender estruturas gramaticais típicas da linguagem escrita que não aparecem no texto oral. As diferenças entre linguagem oral e escrita existem em vários níveis: no léxico, na sintaxe e nas estruturas sintáticas do texto, como por exemplo os conectores que ligam as frases. Riehl (2014) apresenta em seu estudo um quadro formulado a partir de seus dados de pesquisa contendo as características da narrativa em linguagem oral e em linguagem escrita. Nosso olhar analítico sobre as narrativas neste artigo é norteador pelos estudos de Riehl (2014, 2006).

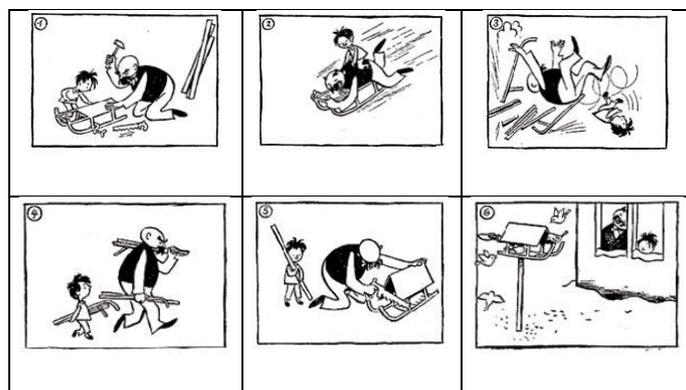
Quadro 1: Características da linguagem escrita e oral em textos narrativos

Características da linguagem oral Narrativas	Características da linguagem escrita Narrativas
Vocabulário: simples, vocabulário do cotidiano: <i>cabeça, porta, bom/bem, dizer.</i>	Vocabulário: elaborado, vocabulário parcialmente literário: <i>principal, portal, excelente, expressar-se.</i>
Sintaxe: Formulação de orações principais justapostas: <i>Pedro foi passear no parque. Ele encontrou um cadáver.</i>	Sintaxe: Formulação de orações ligadas, por exemplo, através de orações subordinadas (<i>Quando Pedro caminhava no parque...</i>) ou nominalização (<i>Durante um passeio no parque Pedro encontrou um cadáver</i>).
Conectores: As sentenças são ligadas por elementos conectores simples como <i>e, e então, aí.</i>	Conectores: As sentenças são ligadas entre si por elementos narrativos especiais como <i>um belo dia, repentinamente</i> etc. ou não apresentam conjunções.

Fonte: RIEHL (2014, p. 128, grifos no original, tradução da pesquisadora)

Neste artigo nos propomos a analisar marcas da linguagem oral presentes em duas narrativas escritas em alemão de dois estudantes da educação básica falantes de uma língua de herança, neste caso o alemão, que foram alfabetizados somente em língua portuguesa. Foi solicitado aos estudantes formularem uma narrativa escrita com base no observado na sequência de seis imagens exposta a seguir.

Imagem 1: Sequência de imagens de seis gravuras para narrativa em alemão



Fonte: Dados da pesquisa

Apresentamos abaixo as narrativas escritas de Lukas³, 10 anos de idade, no 5º ano, indicou no questionário sociolinguístico a língua alemã como língua materna e frequente na escola aulas de alemão a 8 anos e de Nina, 9 anos, no 4º ano, indicou como língua materna o alemão e como Lukas tem aulas de alemão desde a educação infantil.

Quadro 2: Narrativas escritas de Lukas e Nina

Lukas	Nina
<p>1 Der <u>Vater</u> hat aine schlitten guebauer mid sain nhoar</p> <p>2 ond guinhen beich ronter</p> <p>3 ond est ales <u>gabot</u> gueproen. Und ham die shitecken <u>schaus</u> guechafem,</p> <p>4 und aine vogel haus guebauer</p> <p>5 den comen die ganse vogel der foter <u>esen</u>.</p>	<p>1 Era ain menino o <u>paba</u> dele estava baun ai schlitten foa dea</p> <p>2 denaea eles escoregaram o moro pra baixo ba umt ala baida cairão no chão</p> <p>3 e o schlitten quebrou</p> <p>4 e ele pra casa com a madeira</p> <p>5 e o <u>paba</u> do menino construiu aí aus foa des foals. Fim</p>
<p>Tradução em português: O pai construiu um trenó com seu filho e desceram a montanha e quebrou tudo. E levaram os pedaços para casa e fizeram uma casa de passarinhos então vem muitos passarinhos comer a ração.</p>	<p>Tradução em português: Era um menino o pai dele estava construindo um trenó para ele então depois eles escorregaram o morro para baixo lá em baixo eles cairão e o trenó quebrou e ele pra casa com a madeira e o pai do menino construiu aí uma casa para os passarinhos. Fim</p>

Fonte: Dados da pesquisa

Segundo Riehl (2014) quando crianças bilíngues ou multilíngues falam sua língua materna somente em casa e só na modalidade oral da língua, em geral, elas não dominam e não escrevem em seus textos as estruturas listadas na coluna da direita do quadro de características em textos orais e escritos. Por isso, podemos em seus textos identificar muitos elementos da linguagem oral listados na coluna da esquerda do quadro. Os dois exemplos acima apontam o uso de palavras de vocabulário básico alemão como pai (*Vater*), casa (*Haus*), fazer (*tun/machen*), quebrar (*kaputt gehen*), comer (*essen*) e que geralmente são empregadas na linguagem oral (Lukas: linhas 1, 3, 5 e Nina: linhas 1, 5, 6). Observa-se a falta de um vocabulário mais elaborado presente na linguagem escrita. Vemos também que as narrativas são formadas por orações principais não apresentando orações subordinadas e sendo em sua maioria ligadas pela

³ Utilizamos pseudônimos para proteger a identidade dos sujeitos participantes da pesquisa

conjunção “e” (Nina, linhas 3, 4 e 5) que na narrativa de Lukas apresenta uma variação na grafia em alemão: “*und*” ou “*ond*” (linhas 2, 3, 4). A partir deste último exemplo podemos também perceber marcas da articulação dialetal do alemão falado pelos sujeitos, ou seja, a redução de [o] para [u] como em *gabot/kaputt*, *foter/Futter* e em *foa/für*. Observamos também o uso de palavras do alemão do grupo como “*nhoar*” para Junge na narrativa de Lukas (linha 1). Além das transferências orais para a escrita (*ai/ein*, *aine/eine*, *baida/beide*), outras “marcas” presentes nestes textos podem ser compreendidas como hipóteses construídas sobre a ortografia das palavras em língua alemã influenciadas, por sua vez, pela alfabetização em português. Entre essas se podem destacar: uso de um “s” quando seriam necessários dois em língua alemã para a representação gráfica do fonema [s] como em *esen/essen*; “gu” ao em vez de “g” como em *guebauer/gebaut*, *guinhen/gehen*, *gueproen/gebroschen*, *guechafem/geschafft*; o <k> alemão é escrito conforme a grafia do português com <c> (*comem/kommen*). Em ambos os textos os substantivos são escritos em letra minúscula como na língua portuguesa, em alemão eles devem ser escritos em letra maiúscula com exceção da palavra *Vater* (pai) que o estudante provavelmente conhece das aulas de alemão.

4. Considerações finais

A análise preliminar das narrativas em alemão sugere que o bilinguismo desencadeia conflitos linguísticos durante o registro dos processos psicológico e cognitivo dos falantes bilíngues quando esses misturam os códigos utilizados para sua comunicação. Tanto as transferências orais e fonológicas para a escrita quanto as estratégias de registro ortográfico realizadas sobre a língua alemã, nas produções analisadas, podem ser apontadas como possíveis reflexos do bilinguismo português/alemão e ao fato das crianças não serem alfabetizadas em sua língua materna, neste caso, a língua alemã. A análise parcial dos dados nos remete a uma reflexão sobre a intensidade da exposição dos alunos a textos escritos em alemão e se são ou não inseridos de forma eficiente em práticas de letramento com material ou gêneros escritos em língua alemã, visto que, as marcas da oralidade estão significativamente presentes nas narrativas. Desta maneira, adquirir e desenvolver a modalidade escrita da língua de herança pode ser visto como fator determinante para o desenvolvimento da linguagem

(BIALYSTOK, 2009, 2012; CUMMINS; 1983; RIEHL, 2014, 2006). É de suma importância garantir o aprendizado da língua de herança, ao lado do português, em contextos bilíngues permitindo aos alunos ampliarem seu repertório linguístico na educação formal.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN; Cleo V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: C. NICOLAIDES; K. SILVA; R. TILIO; C.H. ROCHA (eds.): **Política e políticas linguísticas**. Campinas: Ponte Editores, 2013, p. 93-116.

BIALYSTOK, Ellen; CRAIK, Fergus I.M. GREEN, David W.; GOLLAN, Tamar H. **Bilingual Minds**. APS Association for Psychological Science: 2009. Disponível em http://www.psychologicalscience.org/journals/pspi/pspi_10_3.pdf. Acesso em 01/06/2015.

BIALYSTOK, Ellen; CRAIK, Fergus I.M.; LUK, Gigi. **Bilingualism: consequences for Mind and Brain**. Trends in Cognitive Sciences: 2012, v.16(4), 240-250. Disponível em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3322418/>. Acesso em 01/06/2015.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução a teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora: 1994.

CAVALCANTI, Marilda C. **Estudos sobre Educação Bilíngüe e Escolarização em Contextos de Minorias Linguísticas no Brasil**. *DELTA*, 15 (n. especial): 385 - 417, 1999.

CAVALCANTI, Marilda C. **Reflexões sobre práticas de letramento em contexto escolar de língua minoritária**. *DELTA*, 27 (1): 63-76, 2011.

CUMMINS, James. **Interdependencia Lingüística y desarrollo educativo de los niños bilingües**. *Infancia y Aprendizaje*. 1983, 21, 37-68. Disponível em http://coordinadoraendl.org/aletamiuda/outros/recomendacions/recom_15_2.pdf f Acesso 01/06/2015.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: Denzin, Norman K.; Lincoln, Yvonna S (orgs.): **O planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução: Sandra Regina Netz. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FRITZEN, Maristela P. **A imigração alemã em Blumenau e a situação de bilingüismo**. Estudos Linguísticos, v. 34, p. 189-194, 2005.

FRITZEN, Maristela P. **“Ich spreche anders, aber das ist auch deutsch”:** línguas em conflito em uma escola rural localizada em zona de imigração

no sul do Brasil. Trabalhos em Linguística Aplicada. Campinas: v. 47, n. 2, 2008.

FRITZEN, Maristela P. **“la na escola alemã e de um dia pro outro fechou. E nós não sabíamos falar o português”:** refletindo sobre as políticas linguísticas em contexto de língua minoritária. Linguagem & Ensino. Pelotas, v.15, n.1, p. 113-138, jan./jul, 2012. Disponível em <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/viewFile/480/426>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2012. Censo 2010. Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&idnoticia=2194>. Acesso em: 16/05/2015

MAAS, Martha R.; FRITZEN, Maristela P.; AVELINO NETO, Abelardo. **A língua alemã em antiga zona de imigração no Vale do Itajaí (SC): um estudo em duas comunidades.** Calidoscópio, v.12; n.2, maio/agosto, 2014. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/issue/view/456> Acesso 01/06/2015

MASON, Jennifer. **Qualitative researching.** London: Sage, 1996.

MAHER, Terezinha M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, M.; BORTONI-RICARDO, S. M. (orgs.) **Transculturalidade, linguagem e educação.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

MAILER, Valéria C. O. **O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania.** 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

MAILER, Valéria C. O. **Literatura Teuto-brasileira, uma retrospectiva:** Muttersprache/Fremdsprache (20/11/07).

MOITA LOPES, Luiz P. **Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução.** DELTA, v. 10, n. 2, p. 320-338, 1994.

RIEHL, Claudia M. **Mehrsprachigkeit:** Eine Einführung. WBG. Darmstadt: 2014.

RIEHL, Claudia M. **Schrift und Schriftlichkeit in der Muttersprache.** Newsletter des Kompetenzzentrums Sprachförderung, August, 2006, p. 6-9. Disponível em: http://www.ifm.daf.uni-muenchen.de/literatur/literatur_prof_riehl/schrift_schriftlichkeit.pdf Acesso em 08 agosto 2015.

SPINASSÉ, Karen P. **Educação Bilíngüe em contextos multilíngues.** Anais do Celsul, 2008. Disponível em http://www.celsul.org.br/Encontros/08/contextos_multilingues.pdf Acesso 01/06/2015.